

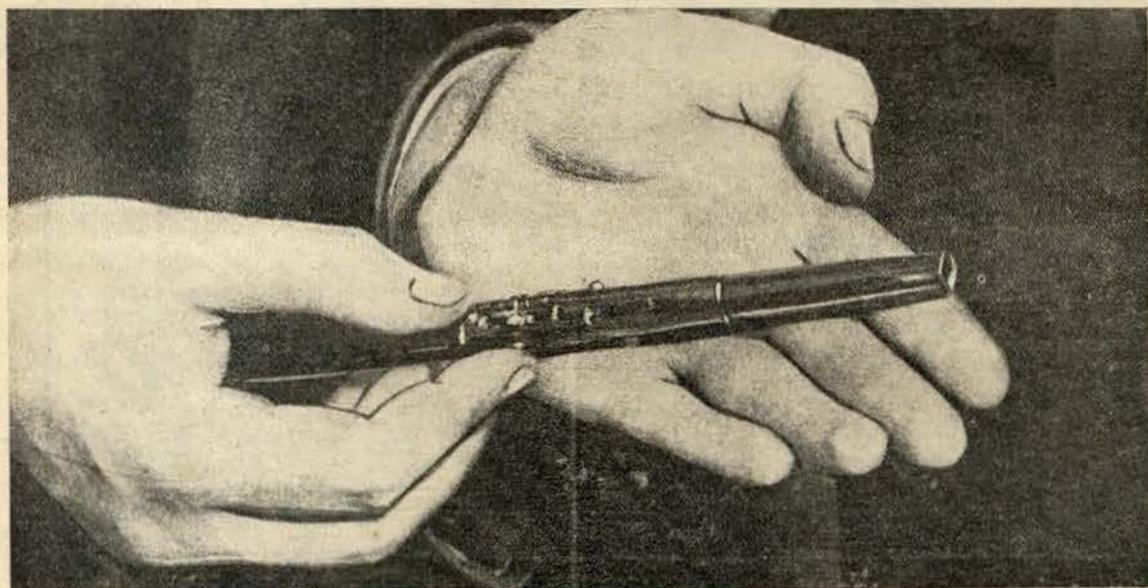
PREÇO 1\$00

N.º 3

Grupo _____
Est. _____
Prat. 22.622

O Crime

PUBLICAÇÃO DE ASSUNTOS CRIMINAIS



Pistola usada pelos "gangsters" de Chicago, que mais parece uma caneta de tinta permanente

Lêr neste número:

**A identificação
das armas de fogo**

**Como se ensinam
cães policiaes**

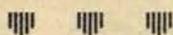
**Um assalto à
Penitenciária
de Nova York**



O cão Kito, célebre pelas suas proezas

O CRIME

Vai criar uma série de vantagens materiais para os seus assinantes

**CONSPIRAÇÃO**

E' uma novela de reportagem, é um livro de grande oportunidade que a critica e o público aplaudiu

CONSPIRAÇÃO vende-se ao preço de 8\$00 em todo o país. Os assinantes de **O CRIME** podem adquirir este livro por menor preço. Para os assinantes de **O CRIME** a novela **CONSPIRAÇÃO** custa sómente 6\$00 desde que seja pedida a esta redacção.

E' esta a primeira vantagem para os nossos assinantes. No próximo número leiam a relação dos descontos que

diversos estabelecimentos fazem aos assinantes de

“O CRIME”**Odéon e Palácio**

Em exhibição:

Mundo em Marcha
Espelho da Vida

CHIADO TERRASSE

Programas variados
Filmes selectos

//

Matinéés todos os dias

POLITEAMA

Telefone: 2 6305

Exibe um programa de grande categoria

**Via Lactea****Por cá também há coisas parecidas...**

No último outono um camponês atravessava uma aldeia da Hungria, perto da capital, com um carro de trigo puxado por uma junta de bois, quando um rapazito de 8 anos subiu às trazeiras do veículo e se instalou aí, adormecendo em seguida. Por desgraça caiu por terra, passando-lhe por cima as rodas do carro, tendo morte quási instantânea. A mãe da criança reclamou perante os tribunais uma indemnização de 8.000 francos, alegando que, se o pequeno era ainda novo para a ajudar, mais tarde poderia vir a ser o seu amparo.

No decorrer do processo a mulherzinha fez subir a soma reclamada, de 8.000 francos para 88.000, sob o pretexto de que a educação da criança lhe tinha custado muito dinheiro e de que se tinha mostrado sempre um estudante distinto, e que, se como pensava se tivesse dedicado à carreira eclesiastica, teria chegado certamente a bispo, talvez a cardinal e mesmo a Papa...

Apesar de tão boas razões, a optimista mãe perdeu a questão.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

ANTONIO FEGO

ADVOGADO

Telef. 2 3725

ESCRITORIO

Rua da Prata, 250, 2.º-D.º
LISBOA

“LACTOBILINA”

Comprimidos de bilis com fermentos lacticos e cascara sagrada. Usados na constipação crónica, insuficiencia de figado, enterocolite. Dão-se amostras a quem as pedir.

Laboratorio Farmacologico

J. J. Fernandes, L.ª

R. Alves Corredo, 107 - LISBOA - Telef. 2 6476

RAMADA CURTO

ABRANCHES DE FIGUEIREDO

ARNALDO ADLER

ADVOGADOS

Rua Nova do Almada, 59-2.º

TELEFONE 2 1176

O CRIME

Director: TOMÉ VIEIRA

Redacção e Administração:

Rua da Horta Sêca, 50 — LISBOA

Com. e Imp. TIP. AMERICANA

Editor: ALBINO LAPA

Administrador: JOSÉ NUNES

Telefone 2 8624

POLICIA TÉCNICA

Dissémos no ultimo número que muitos fracassos de investigação atribuídos á nossa policia não podem ser tomados á sua falta de competência, mas sim á falta de meios materiais. Havemos de demonstra-lo, pouco a pouco, sem que isso queira dizer que concordamos com todos os actos da investigação. Uma coisa é desconhecimento dos mais elementares principios investigativos, outra a falencia perante a falta de recursos. Sabemos onde começa uma e acaba a outra.

Para se avaliar o que é a Policia; o que deve ser, leia-se o que diz um técnico:

«Uma organização policial, por mais rudimentar e pobre que seja, não pode dispensar um laboratório com o material necessário não só para auxiliar as autoridades na descoberta do crime e dos criminosos, mas tambem com o fim de servir ao ensino e aperfeiçoamento dos funcionarios que se destinam á carreira da policia.

Para estar aparelhado, convenientemente, para desempenhar essas duas funções, um Laboratório de Policia Técnica deve possuir um anfiteatro ou sala de aulas, além da biblioteca especializada, museu, com o material para as demonstrações dos cursos praticos.

E' indispensavel que estejam reunidos sob a mesma direcção os serviços de identificação, assim como as instalações e aparelhos de fotografia e raios ultra-violetas. O Laboratorio deve possuir salas de quimica, microscopia, toxicologia, microfotografia, raios X, aparelhos e utensilios para transporte de material para os exames e pericias de locais do crime, manchas, impressões, marcas, etc.

Todo o pessoal deverá ser especializado no estudo desses assuntos, dispondo o Laboratorio de telegrafo e telefone, instalados em suas salas, para comunicação directa e facil dos peritos com as autoridades e agentes que estiverem no local do crime. A condução deve ser rápida e estar sempre á disposição dos peritos para evitar demoras e atrasos.

Foi Ottolenghi quem realizou o primeiro curso de Policia Científica em

Roma, em Outubro de 1902, pondo em prática o seu programa idealizado em 1896. O mestre, italiano defendia então os pontos basicos da Policia Científica, nos seguintes conceitos: «Neste programa proponho aplicar os dados de ciencia, não só para o fim de identificação, mas para todas as funções da policia e no dominio da prevenção e repressão, tendo como base fundamental o conhecimento da personalidade humana, de acôrdo com as doutrinas de antropologia e psicologia criminal e orientando-se pelas regras de medicina legal».

A escola de Policia Científica, de Roma, foi oficializada por decreto de 7 de Dezembro de 1919, havendo ali cursos de varias categorias, ordinarios, extraordinarios e de especialização, para agentes de investigação, comissarios e outros funcionarios de Policia.

As matérias ensinadas no curso para comissarios, em quatro meses, são: Antropologia e Psicologia, em 24 lições, pelo professor Ottolenghi; Técnica de Investigação de Policia Judiciaria, em 36 lições, pelo dr. Ugo Sorrentino; Fotografia Judiciaria, Técnica Criminal, em 24 lições, pelo dr. Benigno Di Tullio; Medicina Legal, em 12 lições, pelo professor Attilio Ascarelli; Direito e Processo Penal, em 36 lições, pelo Procurador Nicola Coco; Policia Administrativa, em 36 lições, pelo dr. Emilio Saracini; Legislação Social, em 24 lições, pelo professor Antonio Navarro.

Por este pedaço de prosa o leitor avaliará o que existe lá fóra. Entre nós, a Policia é uma repartição publica como qualquer outra, para onde se entra ás 11 horas e sai ás 17. Há dias assisti a esta coisa singularissima. Tinha fugido uns presos do Torel. Era preciso avisar as autoridades de todo o País. Passaram-se telegramas e um agente «carregou» com eles até o Terreiro de Paço para os expedir, como qualquer particular. Em outra parte a Policia tem uma central telegrafica e telefonica para estar «ligada» ás Policias de todo o País. E mais, e mais. Mas isto não é só para um dia...

Tomé Vieira

Sem intenção criminosa...

A burla de Serpa

Já dissémos que não fazem os reportagens de crimes. Tratamos de crimes pelo aspecto que interessa ao estudo dos delinquentes e á sua repressão. Não nos interessa, pois, o que foi a chamada burla de Serpa com a qual, aliás, os serpens nada tiveram. Falamos hoje no caso, pelo singular fatalismo que envolveu não só algumas personagens da burla como outras pessoas que na questão tiveram de intervir.

O julgamento final deu-se há dias.

Pois desde a descoberta da fraude até á sua liquidação só se passou isto:

— Morreu o pai do principal implicado; suicidou-se a testemunha Rebofo; foi dado por interdito um dos acusados, de nome Manuel Luiz Neves; suicidou-se uma criadita doutro implicado; adoeceu durante as alegações um advogado, e foi acometido de doença grave outro acusado, que não assistiu por esse motivo á leitura da sentença que o absolueu.

Livra.

Cartas anónimas

No estudo das cartas anónimas ou pasquins ditamatórios encontramos a miudo com impossibilidades morais aparentes. É preciso, por isso mesmo, que o perito tenha noções bem fundamentadas acerca de certa classe de individuos para poder apreciar determinadas acções.

O anonimografo não é o autor de cartas anónimas isoladas, é o autor de escritos anónimos em série, e a anonimografia é a manifestação dum estado mental cheio de aberrações. Tem havido anonimografos que escreveram mais de mil cartas sobre um mesmo caso. O anonimografo escreve amiudadas vezes por simples prazer e isso quando se dá desorienta o investigador. E' mais fácil descobrir o autor vulgar duma carta anónima do que um anonimografo. Este é mais fácil de descobrir por um alienista do que por um policia. Aquele que escreve anonimamente uma denúncia ocasional — falsa ou verdadeira — disfarça a letra. O anonimografo, não. Acredita que nunca será descoberto. Tem havido casos de auto-acusação dignos de referencia. Individuos que escrevem cartas a denunciarem-se a eles próprios por actos que não praticaram. Entre nós, tivemos o estofador de automoveis que se acusava de ter tomado parte no crime de Benfca, coisa que já lá vai há bons anos.

Posto Antropometrico

No próximo número «O Crime» terá muito prazer em publicar um artigo sobre os magnificos serviços do Posto Antropometrico, proficientemente dirigidos pelo sr. dr. Balbino do Rego. Conhecemos perfectamente a acção do Posto Antropometrico e do seu director, e por isso temos na melhor conta aquela repartição de dactiloscopia, que tão útil é aos serviços criminaes do nosso País.

Os cães-policiais

Como se ensinam esses animais tão úteis para a repressão do banditismo

As polícias de todos os países têm cães adestrados para seu auxílio. São os cães policiais. Para isso os ensinam devidamente.

O ensino não é complicado, mas tem de haver muita paciência e constância para chegar a obter um bom cão polícia. Não basta começar com entusiasmo; deve-se perseverar. Não nos esqueçamos de que só a prática e a experiência podem tornar o cão polícia útil.

São tantas as satisfações e serviços que se podem esperar de um cão bem adestrado, que, muitos particulares tentam ensinar esses animais.

Damos a seguir os principais elementos das primeiras lições.

Em primeiro lugar, a pista que o cão deve seguir será marcada por um ajudante, tomando as seguintes precauções:

1.º — Escolher-se-á um terreno de terra fofa, de preferência, mas sem charcos nem água em excesso.

2.º — Sobre a terra o ajudante caminhará, devendo deixar marcadas as suas pégadas.

3.º — As pégadas devem ser reconhecíveis, mas não muito profundas. Se forem demasiado visíveis o cão acostumar-se-á a segui-las pela vista e não pelo olfacto. Este é um vício fatal que deve ser combatido energeticamente desde a primeira lição.

Uma vez preparada a lição, o ajudante esconderá um objecto, um artigo de seu uso pessoal, em determinado lugar. Em seguida, distanciar-se-á uns cem metros, marcando a pista de maneira que acabamos de expôr, e, oculto, aguardará a chegada do animal.

Dez minutos depois de realizado este trabalho, o individuo que desempenha as funções de professor chegará com o cão ao lugar onde está depositado o objecto escondido pelo ajudante. Então o professor deixará que o cão sinta o cheiro do objecto detidamente e, a seguir, leva-lo-á á «pista» inicial.

As primeiras lições serão fatigantes em excesso; o professor porém não deve desanimar. Fa-lo-á cheirar, uma por uma, todas as impressões do caminho a percorrer, até chegar ao lugar em que espera, oculto, o ajudante.

Um conselho para facilitar estas lições, é o seguinte: o cão deverá estar amarrado por uma corda grossa; além disso, a corda deve prender pelo peito do animal, passar entre as patas dianteiras e sair pelo lado direito.

Quando o animal não estiver suficientemente atento ou fique nervoso, bastará puxá-lo para o obrigar a baixar a cabeça e atentar nas pégadas.

Depois de algumas lições, o cão entusiasmar-se-á com o trabalho e, sobretudo nos trechos, finais, tratará de correr, prescindindo do exame da pista. Não se deve deixa-lo fazer tal. Deve agir sempre com

calma e metódicamente. O êxito da lição está em transmitir-lhe, precisamente, este hábito.

Conseguido os primeiros pequenos sucessos, os ensinamentos repetir-se-ão sem trocar de condições. Só quando o animal estiver senhor do trabalho dever-se-á alongar a pista de 100 para 150, 200, etc.

Por outro lado, uma vez que o cão tenha conseguido bons resultados em pistas simples, aumentar-se-ão as dificuldades, deixando que se passe mais tempo entre o momento de marcar a pista e o início da lição. Assim, deixar-se-ão, primeiro, passar dez minutos, depois vinte, meia hora, até chegar a uma ou duas horas de intervalo.

Outras complicações que serão usadas nas lições sucessivas são as seguintes: a pista tornar-se-á cada vez mais irregular, aumentar-se-ão as curvas e retrocessos e mudanças de direcção.

Em dada ocasião o auxiliar saltará um riacho, caminhando em diversos sentidos pelas margens.

Os ajudantes também devem ser trocados frequentemente, para que o cão não se acostume a seguir apenas, determinada pessoa.

De nma maneira geral, sempre que se intente uma prova difícil, não se deixará passar muito tempo entre a marcação da pista e o principio da perseguição. Se há dificuldades e complicações, a pista deve ser recente, para não confundir o cão novato.

Nas ultimas lições, o ajudante, no fim da pista, subirá a uma arvore, escalará uma parede, caminhará certo trecho pelo leito de um riacho; empregando, enfim, todas as artimanhas possíveis para fazer desaparecer ou confundir o rasto.

E' preciso nunca admitir que o cão suprima curvas ou trechos curtos da pista. E'

de primeira importancia o espirito de método e a minuciosidade de rastrear.

Aprendidas as lições anteriores, o cão ficará em condições de começar o seu verdadeiro aprendizado, o que fará na realidade e que consiste em seguir uma pista velha, confusa, ou em ruas povoadas.

Depois, tendo o cão preso, o professor dispára um, dois, três tiros, até rajadas, para habituar o animal, para que este não fuja ao ouvir tiroteio. Para o cão perseguir os criminosos, segurá-los com os dentes, deve o ajudante, vestido com fato de coiro, simular que ataca o professor, que o agride. O animal defenderá o professor (dono ou agente) e investe com o ajudante (o bandido, a fingir).

Aos amadores dramáticos

Custa 2\$00
a peça em 1 acto

O NOSSO FILHO

por TOMÉ VIEIRA

Vende-se nesta redacção
remete-se pelo correio

Quere defender-se dos gatunos?

Não chame a policia

Compre, antes, uma pistola
de alarme E. M. C. E.

Isentas de todas as licenças

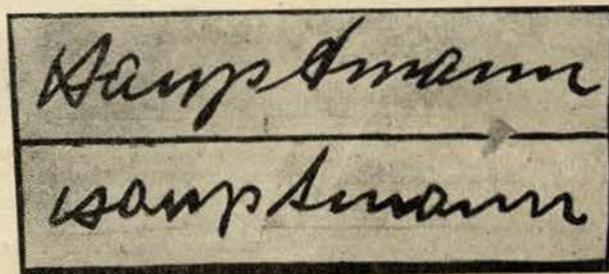
A mais perfeita imitação — Chegou
nova remessa

CASA A. M. SILVA

R. da Bottega, 67 — Tel. 25424

Envia-se para a provincia contra-reembolso
Peça catalogo

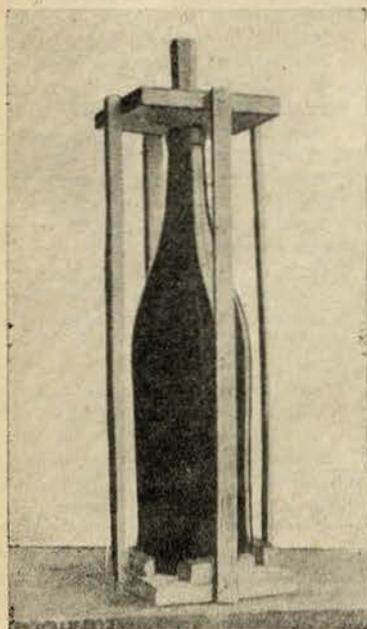
ASSINATURA DE MORTE



Em cima é a assinatura autentica de Hauptmann. Em baixo é o nome de Hauptmann feito com letras recolhidas nas muitas cartas anonimas enviadas ao coronel Lindbergh, após o rapto de seu filho. Foi, talvez, esta «prova» que matou o carpinteiro alemão. Mas não teria havido engano? Será a letra das cartas anonimas do punho de Hauptmann? Foi o carpinteiro um dissimulador? Os pontos de interrogação continuam

Mais uns dias... e era crime

Num pinhal, próximo da Povoia de Santo Adrião, apareceu o cadáver dum indivíduo de nacionalidade alemã. Os leitores já conhecem a notícia. Vale a pena, porém, falar no caso. Se o cadáver não tivesse sido encontrado naquela altura e só fosse visto passado uns dois meses, estávamos em presença dum... crime misterioso. Era mesmo um crime. Assim foi fácil apurar que o alemão saiu bem disposto do hotel, que comprou uma garrafa de vinho espumante, que bebeu o líquido com diversos comprimidos de «florodormio»; enfim, foi fácil esclarecer o misterio. Mas faça de conta o leitor que o cadáver estava lá dois meses. Não era possível apurar o que se apurou agora. O alemão deveria estar decom-



posto. Junto dele havia uma garrafa. Dificilmente se descobria a qualidade do líquido. O corpo estava vestido, deitado, como se ali o tivessem colocado com jeito... As suspeitas do crime surgiam. Os automóveis a cheirar a mortos apareciam á bicha. O éter impregnava o espaço e as coisas, etc. E quando alguém tivesse o «descaramento» de afirmar que o alemão se suicidara, responderiam:

— Então, ele tinha necessidade de ir para aquele sitio para morrer? Então, não era natural que se envenenasse no hotel?

No caso de não se saberem as causas da morte, também perguntariam: — Como se matou o alemão? Ai estão os factos a demonstrar que... ha suicídios com aparência de crimes

e crimes que tem aparência de suicídios.

O alemão não foi vítima de crime, mas se houvesse crime a Policia tinha visto destruido o melhor elemento de identificação. As autoridades do concelho de Loures que recolheram o cadáver também recolheram a garrafa e o copo que estava junto do morto.

Pois bem! Como recolheram esses objectos que forçosamente deveriam possuir impressões digitais? Embrulharam-nos «muito bem» em jornais. Quere dizer, o papel «limpou» as impressões. E' necessário dar instruções ás autoridades da provincia sobre estes casos. Nesta pagina publicamos uma gravura a demonstrar como se faz a condução duma garrafa que, proventura, tenha impressões digitais marcadas.

Se o alemão tivesse sido vítima de crime e a garrafa possuísse as impressões digitais do criminoso, este estava livre de ser preso, porque as próprias autoridades haviam inutilizado o principal elemento de culpabilidade. E não custa nada fazer compreender estes preceitos. Por nossa parte vamos contando estas coisas a um escudo cada exemplar. E' este o preço do CRIME.

A C. P. concede

50 %

de redução nos preços das passagens ao portador de bilhete de identidade, que — por ex. — para a antiga rede da Companhia e para 1 ano, custa

726\$00

o mesmo que 8 viagens de Lisboa ao Pôrto, em 2.ª classe

Informe-se nas estações e no serviço do Tráfego da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses. Santa Apolónia — Lisboa — Telefone 24031

**É um crime
vir a Lisboa
e não beber café**

NICOLA

UMA "AMERICANICE" atribuída aos chineses

Aí vai uma história, verdadeira e curiosa da forma como os policiaes chineses exercem a sua profissão, recorrendo por vezes aos misteriosos auxílios da magia.

Os bandidos haviam raptado um rico proprietário, de nome Li, para cujo resgate exigiam 10.000 dolares, que lhes foram pagos.

Para afastarem a probabilidade de uma denuncia, os bandidos enterraram vivo o desgraçado.

Inumeros policiaes e detectives puzeram-se em campo para a descoberta dos criminosos, e após diversas investigações veio a saber-se que o sequestrado fôra, na verdade, enterrado vivo.

Não havia provas e os bandidos podiam ir contando com a impunidade.

O chefe de uma brigada rural de detectives regressava, um dia, de uma missão de investigação numa cidade próxima quando deparou com uma serpente preguiçosamente estendida ao lado da estrada.

O detective sentiu-se subitamente inspirado e caindo de joelhos invocou os seus deuses, acrescentando: «Se o velho sr. Li morreu, entre o seu espirito nesta serpente e guie-me até ao local onde o seu corpo está sepultado». Caso realmente surpreendente, a serpente poz-se em movimento e, sem pressa, com lentidão, arrastou-se através dum campo, dirigindo-se para um pequeno bosque, onde parou num lugar que indubitavelmente havia sido recentemente remexido.

O detective pediu novas provas: «Se é verdade que o espirito do sr. Li entrou nesta serpente, guiando-me até aqui, e que o seu corpo está aqui sepultado, entre agora a serpente para aquele buraco.»

Prontamente, com a docilidade fácil de quem cumpre gostosamente uma ordem apeteçada, lá se arrastou a serpente para um orifício, que se via ao lado, pelo qual enfiou e desapareceu. Parece que o exigente detective devia dar-se por satisfeito com os sinais perdidos.

Exigiu ainda um derradeiro: «Se o velho sr. Li — disse finalmente prostrado no chão — está realmente aqui sepultado, apareça a cabeça da serpente no buraco.» E, de facto, como se se tratasse de uma caixa de bonecos de tiro ao alvo, eis que surge a cabeça da dita serpente silvando e agitando-se.

Foi então que o exigente detective se convenceu de que estava no bom caminho. Chamou alguns camponeses a quem mandou escavar o terreno. Passado pouco tempo appareceu o cadáver de um homem que foi reconhecido como sendo o do velho proprietário sequestrado; passada uma semana foram presos dezasseis indivíduos que haviam tomado parte no rapto e assassinio do velho Li. Foram todos garrotados.

Mário Pires

A seu pedido, deixou de fazer parte da redacção desta revista o nosso prezado camarada Mario Pires.

IMPRESSÕES

As marcas dos dedos, na anti-guidade, já eram conhecidas

O problema da identificação só foi resolvido quando surgiu a dactiloscopia, isto é, a identificação por meio das impressões digitais, pela primeira vez utilizada, no mundo inteiro, na Republica Argentina, por Vucetich, que, em 25 de Junho de 1892, descobria o autor de um crime, em Necochea, provincia de Buenos Aires, por meio das impressões digitais deixadas no local do crime pelo assassino.

Muito se tem discutido sobre a prioridade da descoberta desse autor americano sobre o método empregado na Inglaterra. É sabido que na China existia o hábito de colocar nos documentos a mancha de um ou mais dedos molhados em tinta. Essa prática não demonstra, porém, que os povos orientais tivessem conhecimento da existência das impressões digitais, visto que não há nelas o menor vestígio por onde se possa afirmar terem sido feitas com os dedos, nem classificá-las, porque essas manchas não são mais do que simples borrões de tinta, sem nenhuma significação. Ademais, não existe na história da civilização chinesa a menor referencia a esse assunto, o que não se compreende em, se tratando de uma questão de tanta importância para a ciência. Kumagasa-Minakata (*The Nature*, Dez. 1894), afirma que no Japão as leis do Taiho, sete séculos antes de Cristo, exigiam para os analfabetos, em lugar da assinatura nos documentos para o divórcio, a marca dos dedos dos interessados. Xavier da Silva diz que esse hábito existia em Macau, nas Índias Portuguesas, e Collyer o assinala também na Coréa. Stokis (*Le dessein papillaire digital dans l'art préhistorique* — *Revue Antropologique*, 1920) publicou eloquentemente documentação mostrando que os homens das cavernas ornavam suas casas com desenhos de armas e instrumentos, onde havia a marca das suas próprias mãos e também dos dedos. Na Nova Escócia Garrick-Mallory descobriu, em 1892, um petroglifo, de idade muito remota, tendo uma mão gravada mostrando nitidamente as articulações, sendo bem visível o esquema dos desenhos das extremidades dos dedos. Uma comissão do British Museum que foi à Caldéa, em 1925, descobriu ali um muro, datado de 2.800 anos antes de Cristo, onde se viam duas impressões digitais marcadas na argila.

A superstição de autenticar documentos com o dedo molhado em tinta existia na Índia. Foi entre 1858 e 1878 que o inglês William Herschel (Galton-Finger-Prints, London, 1892), coletor em Bengala, tendo em vista a necessidade de melhor autenticar os contratos assinados pelos indígenas, adotou oficialmente a medida, obrigatória para todos os analfabetos, de marcarem os documentos importantes com a mancha de um dos dedos. Essas impressões eram feitas com tinta de aguarela e não tinham o menor valor identificador, nem eram arquivadas ou classificadas, não tendo sido nunca levadas aos tribunais para fazer prova em qualquer processo judicial.

Locard afirma (*L'identification des recidivistes*, Lyon, 1909, pág. 160) que a utilização pelos antigos da marca dos dedos era um acto místico, significando apenas uma exigencia para que nos documentos figurasse uma qualquer coisa da personalidade do seu autor, havendo êle próprio examinado alguns papeis, trazidos por Vucetich da sua viagem ao Oriente, para afinal se convencer de que não era possível reconhecer essas manchas como sendo de impressões digitais.

O início da fase científica da história da dactiloscopia data do trabalho do anatomista italiano Malpighi que, em 1665, fez as primeiras referencias ao assunto, numa carta redigida a Jacob Ruffum, nestes termos: «La duda sobre la función que yo habia assinalado a las papilas piramidales de la lengua me continuaba torturando la mente, y un dia que estava entregado al estudio, armado de microscopio, poderoso auxiliar de la vista, como no tenia ninguna pieza anatomica, se me ocurrió observar la yema de un dedo, y mientras estaba contemplando grabadas en la misma esas arrugas desiguales en forma de circulos e espirales, que surgen como corpúsculos diafanos del fondo de unos alvéolos diminutos, esparcidos con orden admirable por toda la cara interna des descubrimiento, y en el mismo instante tuvo la intuición de que esos corpúsculos debian tener la misma función que las papilas piramidales de la lengua, y veia abriseme delante un ancho campo de investigación. (Traduzido do latim pelo Doutor Atilio Villa, «De externo tactus exercitatio, Opera Omnia», 1687).

Purkinje, nascido em Praga, na sua

tese apresentada à Faculdade de Medicina de Breslau, em 1823, intitulada «Comentatio de examine physiologico organi visus et sistematis cutanei», dizia: «La admirable disposición de los dibujos de las pequenas sinuosidades que se encuentran en la superficie interior de la mano, en la planta de los pies y sobre todo en la yema de los dedos, excita nuestra curiosidad. Generalmente y en toda obra clásica de Fisiologia e Anatomia, se mencionan; pero, tratándose de un órgano tan importante como es la mano del hombre, que no solamente preside a los movimientos más diversos, sino principalmente al sentido del tacto, no hay investigación por más minuciosa que sea, que non traiga aparejada alguna grata sorpresa en el anterior conocimiento de este órgano. Después de innumerables experimentos he podido establecer nueve tipos principales que me permiten hacer la determinación metódica de los distintos dibujos formados por lineas papilares que caracterizan la periferia de la yema de los dedos (Antonio Herrero, op. cit.).

Depois disso houve outros pesquisadores que se ocuparam directa ou indirectamente do assunto, como Huschke (1844), Engel (1856), Alix (1868), Kolliker (1881), Kollmann (1883) e Blaschko em 1884. Foi, porém, Faulds quem, em 1880, na revista «The Nature», publicou o primeiro trabalho importante sobre a questã, designando os tipos em arcos, presilhas e verticilos, encontrados nas impressões digitais. Esse autor, que fazia parte do Hospital Tsukiji, de Tokio, estudando os antigos objectos de arte japonesa, verificou neles marcas dos dedos, que comparou com as dos homens modernos, dando a primeira noção sobre a maneira de tomar as impressões digitais e propondo esse meio como um recurso capaz de permitir a descoberta de um criminoso, apresentando duas observações em que tentara esse estudo. É um dos mais preciosos documentos da história dactiloscópica.

Herschell, nesse mesmo jornal inglês, em 22 de Novembro de 1880, faz referencias às suas pesquisas feitas na Índia. Por essa mesma época, na América do Norte, Tabor, em São Francisco, propõe o emprego das impressões para registrar os imigrantes chineses, e G. Thompson (*Traité de Criminalistique*, Locard, 1931, pág. 18), no Novo México, também esse recurso para autenticar os cheques e recibos em seus negocios particulares.

Galton foi o primeiro nome que se ligou decisivamente aos estudos sobre a identificação por meio das impressões digitais, publicando a sua monografia,

D I G I T A I S

que se tornou depois classica, intitulada «Personal Identification and Description», ainda na mesma revista «The Nature», em seus numeros de 21 e 28 de Junho de 1888, onde demonstra o valor identificador das impressões digitais, muito embora não tivesse chegado a encontrar um sistema de classificação que permitisse a sua utilização fácil e propta na prática. Seu trabalho ultimo foi a tese apresentada, em 1896, ao 4.º Congresso de Antropologia Criminal, reunido em Genebra, onde propõe que se proceda a investigações para determinar a nomenclatura e demais minúcias referentes às impressões digitais para os serviços de policia internacional.

Galton visitou em 1892 o Laboratório de Antropologia Criminal de Lyon, onde Lacassagne e seus discipulos Florence, Frecon e Forgeot, trabalhavam: nesse assunto, realizando em Londres uma conferencia, na Royal Society, onde elogiava a obra realizada em França nesse sentido.

A glória de ter encontrado uma classificação prática dos dactilogramas cabe a Vucetich, de nacionalidade húngara, tal qual como Purkinje, residente na Republica Argentina, o qual lendo o resumo das ideias teoricas de Galton, publicadas por Varignu (Revue Scientifique, 2 de Maio de 1891, tomo 47), inaugurou em La Plata, em 1 de Setembro de 1891, uma Oficina de Identificação onde, ao lado do método antropometrico, estabeleceu, pela primeira vez em todo o mundo, a tomada das impressões dos dez dedos, numa ficha unica, imaginando êle próprio todo o aparelhamento adequado para esse serviço tecnico, até então completamente desconhecido, arquivos, armarios, mesas, pranchetas, rolos, etc.

Há ainda muitos autores que atribuem a descoberta do sistema de classificação das impressões digitais aos pesquisadores ingleses Galton e Henry; mas o estudo rigoroso dos documentos existentes demonstra o contrário, tendo em vista que a prioridade scientifica só se discute e aceita diante dos documentos e das datas dos trabalhos publicados.

Enquanto que Henry, na Índia, ainda em 1893, tomava a Impressão de um dedo, Vucetich, num folheto desse mesmo ano, com o titulo «Instrucciones generales para el sistema antropometrico e impresiones digitales» (Tipografía de la Escuela de Artes e Oficios, de La Plata, 70 páginas), mostra pela primeira vez uma ficha dactiloscópica, tomada dos dez dedos, facto ainda não conhecido em todo o mundo.

As fichas desse género publicadas a seguir em data, em toda a literatura

Foi na Argentina que a Dactiloscopia se tornou uma realidade

mundial, são as de Henry que só em 12 de Junho de 1897, por uma resolução do «Governor General in Council», da Índia Britanica, foi autorizado oficialmente a usar as impressões digitais para a identificação.

Locard, no seu recente «Traité de Criminalistique», depois de resaltar a contribuição dos autores ingleses reconheceu a prioridade americana da ideia da classificação dactiloscópica feita na Argentina por Vucetich. José Sagredo diz: «La clasificación natural es debido a Galton; la practica pertenece a Vucetich». (Dactiloscopia Civil, 1928, pág. 49). É preciso, aliás, lembrar que o primeiro caso autentico, onde a identificação do criminoso foi feita por meio das impressões digitais deixadas no local do crime, deve-se a esse cientista argentino e datam do ano de 1892. (Luiz Reyna Almandos. Conferencia sobre «El sistema Dactiloscópico», por Juan Vucetich, La Plata). Uma mulher, Francisca Rojas, residente em Necochea, na provincia de Buenos Aires, mata dois filhos e denuncia, como autor do crime, um seu visinho. A policia encontra na porta da casa a marca de vários dedos molhados em sangue, cujas impressões examinadas não coincidem com as do acusado, sendo fácil demonstrar que pertenciam à própria mulher que o acusava e era a autora do crime.

Aliás, a própria palavra dactiloscopia que hoje existe em todas as línguas foi também creada na Argentina. Vucetich havia chamado o seu sistema de «Icnofalangometria», do grego *iknos* sinal, *falangos*, falange, parte dos dedos, e *metria*, medir.

Um médico de «La Nacion», o Dr. Francisco Latzina, escrevendo, em 8 de Janeiro de 1894, um artigo sobre o assunto, elogiou o novo método, censurando, porém, o nome com que fora baptisado pelo próprio autor, e propondo a palavra dactiloscopia, de *daktilos*, dedo e *scopia*, examinar. Em 1896, Vucetich reduziu os tipos adoptados na primeira classificação para quatro apenas, já previstos por Galton, arco, presilha interna e externa, e verticilo, os quais tomaram respectivamente as letras A, I, E, V., nos polegares e 1, 2, 3, 4, nos demais dedos, de sorte a obter com uma simples classificação primária a possibilidade de 1.048.576 classificações.

Os istema de Vucetich foi apresen-

tado ao 2.º Congresso Cientifico Latino-Americano, reunido em Montevideo, em 1901, sendo o Brasil o primeiro país a adoptá-lo oficialmente, em 29 de Dezembro de 1902, pela lei n.º 947, regulamentada por decreto de 5 de Fevereiro de 1903.

A seguir, foi o sistema dactiloscópico introduzido no Chile, e em Portugal em 1903, na Rumania e França, em 1907, Belgica, em 1908, Espanha em 1909, Cuba, China e Mexico em 1910, e mais tarde na Itália, Uruguay, Equador e Dinamarca.

Animais Gatunos

Alguns habitantes dum dos bairros parisienses, ha algum tempo, tinham o direito de pensar que a sua casa era povoada por espiritos malignos. Mas estes não se manifestavam, como é da tradição, por suspiros e ruidos de cadeias. As suas visitas eram todas interessadas e a sua passagem era sempre marcada pela desaparición de objectos femininos: «echarpes», camisas, combinações de preferencia linho ou seda.

As victimas destes roubos perante a «materialidade» dos factos renunciaram depressa á hipótese duma manifestação espirita, não duvidando que os seus compartimentos fossem visitados por qualquer «rato de hotel», ou antes pela qualidade dos objectos roubados, por alguma rata.

Toda a vigilancia, porém, resultou inefficaz. O ladrão não deixava após a sua passagem nenhum vestigio de arrombamento nem indicio algum. Também se não podia introduzir pelas janelas, mesmo abertas, porque elas eram muito altas para permitir uma escalada.

Foi apresentada quizá na policia, mas em vão.

Um dos roubados teve, no entanto, uma ideia. Tendo feito aquisição duma ratoeira muito forte, instalou-a no peitoril de uma das suas janelas, mudando-lhe todos os dias o lugar.

Uma manhã, esse locatario esperto foi acordado por uns gemidos dolorosos. Saltou da cama: um gato, um soberbo animal, envolto numa «echarpe» de seda tinha caído na ratoeira onde se debatia angustiosamente. Foi resolvido levar o animal ao posto de policia mais próximo, donde não foi reclamado, apesar de todos os avisos na imprensa.

Supõe-se que os donos do gato o tinham «ensinado» a roubar. Não é de estranhar que assim tenha acontecido porque outros roubos foram praticados por animais amestrados para isso.

Ha tempo, em Chicago, foram «presos» dois macacos que se dedicavam ao furto. Penetravam nos predios pelas chaminés e não só furtavam o que podiam como, depois de lá estarem dentro, abriam a porta a seus donos no que também eram gatunos.

A Penitenciária de Nova York transformada em Prisão-Clube

Por mais que estejamos acostumados a considerar os Estados Unidos o país dos «records» extraordinários, o conhecimento de certos mistérios da sua vida civilizada surpreende-nos e abala, pela enormidade e absurdo dos seus aspectos.

O mundo inteiro já conhece a extensão do domínio dos «gangsters» e o seu poder na terra de Tio Sam. Os feitos dessas quadrilhas escandalizam a policia de todos os países. Assaltos, furtos de crianças, assassinios em plena luz do dia, corrupção de politicos, tudo o que pode servir para a vitória de uma organização destinada à prática de todos os crimes encie a crônica dos jornais americanos, que continuam a indagar porque motivo a policia se mostra impotente deante de acontecimentos tão monstruosos!

A extinção da lei sêca parece ter desencadeado a fúria dos «gangsters». Como se sabe, a proibição do uso de bebidas alcoolicas constituia um dos maiores negócios nos Estados Unidos. O contrabando organizou-se em forma de empresas, às quais se associavam elementos ligados à administração e á politica de diversos Estados Unidos americanos.

Com a extinção da lei de proibição, deixou de existir uma das maiores fontes de renda dessas organizações poderosas.

Um golpe de morte ameaçou o seu prestigio e abalou o poder de certos partidos politicos que viviam á sua sombra.

Foi com a eleição de Fiorello La Guardia, para o cargo de perfeito de Nova York, que se pôde conhecer a extensão da audácia dos «gangsters» e o seu requinte de perversidade.

Do simples relato que vamos fazer o leitor verificará que existe, ainda, na terra, neste século, num país civilizado, uma prisão dirigida pelos próprios presos, transformados em algozes de outros condenados de «menor importancia».

O maior golpe que a famosa organização de Tammany poderia sofrer era ver La Guardia eleito Prefeito de Nova York. Essa poderosa organização politica, prostituida até o mais baixo nível, estremeceu ao saber o resultado das urnas. Os «gangsters» foram surpreendidos com a vitória de La Guardia e a própria politica não pôde explicar o resultado do pleito.

Com a eleição de Fiorello La Guardia, a imensa maquina montada pelos «gangsters» de Nova York, que se estendia por toda a cidade, sofreu um golpe tremendo.

O que foi o assalto á cadeia pelas autoridades

A frente da Prefeitura da cidade estava agora um idealista de verdade, um homem disposto a romper o cerco vandalico que afogava Nova York.

Era conhecida a disposição de La Guardia e o seu propósito de destruir os opulentos interesses criados pelo «gangsterismo» metropolitano.

Ele tinha, porém, de enfrentar a famosa organização de Dutch Schultz, chefe de todos os grupos de «gangsters», da cidade, milionário muitas vezes, controlador de verdadeiros arsenais de metrelhadoras e orientador de enormes quadrilhas de assassinos, que matabam a preço fixo ou para satisfazer apenas seus instintos.

Mas La Guardia não vacilou. A obstinação peculiar da sua raça fê-lo investir.

Entre os seus triunfos mais sensacionais, conta-se a tomada de assalto da prisão de Welfare Island, transformada, paradoxalmente, em verdadeiro club dos «gangsters» mais importantes e influentes de Nova York.

Uma prisão-club

A imaginação americana estava cheia das aventuras dos seus famosos «gangsters». Tudo o que se podesse conceber como audacia, violência e corrupção já não causava o menor abalo ao povo.

Foi, pois, com verdadeiro espanto e alarme que circularam as primeiras noticias a respeito do assalto que La Guardia teve de organizar para tomar uma prisão oficial das mãos dos bandidos. Maior espanto causaram as revelações do que se passava nessa curiosa prisão.

Ali viviam de modo diferente, duas classes de criminosos. A primeira era constituída pelos bandidos «sem importancia», pobres diabos explorados pela outra classe dos criminosos opulentos, milionários, importantes, senhores do presidio, que dirigiam a cadeia com a presença das autoridades ali existentes só em nome.

Assim, exerciam os «gangsters», dentro da própria prisão, o comércio de drogas entorpecentes; possuíam pombos-correios, para fazer o serviço de corresponsência e de transporte dessas drogas, cães policia, e todo um arsenal de armas e munições das mais aperfeiçoadas. Os «gangsters» passavam uma vida de luxo na prisão.

Reportagem inédita em Portugal feita para o CRIME

Enquanto os presos «ordinarios» viviam numa promiscuidade incrível, morrendo quasi de fome, muitos gravemente enfermos de molestias contagiosas, os bandidos famosos tinham a sua adega admiravelmente provida de todas as bebidas, comestiveis dos mais caros e saborosos, dispensa farta e rica, luxuosos quartos de banho com todas as instalações modernas, perfumes de várias qualidades, apartamentos como os que se encontram nas cidades mais confortaveis do mundo.

O director da prisão de Welfare

Island, Joseph A. Mc Cann, era uma espécie de secretario de Joié Ráo, membro proeminente da grande quadrilha de Dutch Schultz e chefe absoluto da prisão.

O que êle decretava era lei, que todos tinham de cumprir.

O Prefeito La Guardia sabia que a prisão estava entregue a elementos de Dutch Schultz e que ela era uma dependencia da sua famosa organização.

Mas, ele nunca sonhou que aquele presidio se houvesse convertido num antro da mais réles depravação.

OBRIGADO, DOUTOR!



Landru foi condenado à morte por ter morto sete mulheres, das quais já apareceram... vivas, uma na Itália e outra no Rio de Janeiro. No dia em que foi lida a sentença, o criminoso apresentou-se bem disposto e até chafaceador. Com voz grave, o presidente leu a condenação à morte. Landru nem pestanejou. O mesmo não aconteceu ao seu advogado que esperava ver condenado o seu constituinte a prisão perpetua e não á pena maxima. O criminoso certificou-se do caso e avançando para o seu patrono, exclamou: — Obrigado doutor! Foi pena perder-se esta causa, não por mim, mas pelo doutor, pelo seu valioso trabalho.

Ao assumir a direcção da prefeitura, La Guardia nomeou chefe dos Departamentos Correcionais, Austin Cormick que, anteriormente, havia exercido o cargo de director das prisões dos Estados Unidos. Em poucos dias foi planejada a tomada de Welfare Island.

A tomada da prisão

Para realizar-se esta deligencia espantosa: uma prisão ser tomada pelas autoridades, arrancada das mãos dos próprios presidiarios que a dirigiam.

Pode-se imaginar, por isso, a sensação que o caso despertou.

Para levar a efeito esse «assalto», La Guardia determinou que Cormick fizesse, dias antes, uma inspecção á prisão.

Uma manhã, Mac Cormick reuniu um grupo de seus officiais, para uma conferencia. Entre os presentes, estavam os directores de outros presidios, chefes de instituições municipais, o commissário David Marcus, um poletão de membros narcotizadores da policia, Joseph Mc Cann, director do presidio de Welfare Island e jornalistas de todo o mundo.

A maioria dos presentes estava perplexa. Ninguem podia imaginar o que se ia passar e todos ignoravam o fim daquela reunião.

Quando chegou o ultimo convidado, Mac Cormick chamou ao telefone o auxiliar da administração do presidio de Welfare Island e ordenou que recolhesse todos os presos ás suas celas, porque havia sido informado de que um deles tinha fugido. E, neste momento, anunciou que ia dar um assalto para tomar a referida prisão, que estava nas mãos dos bandidos.

Como medida preliminar, voltou-se para o director que ali estava, Mc Cann, e disse: «Você ficará comigo. Assim, será evitado o vexame de uma prisão...»

A excursão apresentava-se perigosa. Houve um estremecimento entre os presentes. A's nove e quinze a caravana dirigiu-se para Welfare Island.

O auxiliar Sheehan quasi teve uma síncope quando o grupo chegou ao presidio. Ele estava elegantemente vestido com um fato cinzento, recostado num moderno divan e fumava um havano dos mais caros.

— Considere-se preso, disse-lhe Mc Cormick. Dirija-se ao hospital sem falar com algém. Sheehan deixou cair o charuto, assustado. Em poucos mi-

nutos, a caravana estava toda disposta como para uma verdadeira batalha. Os investigadores tomaram todas as precauções.

Um espectáculo desolador

Logo que os presidiarios, que viviam na maior miséria, avistaram as autoridades, começaram a soltar gritos desesperados de dôr e de fome. Pediam que abrissem as celas e exclamavam que sofriam horrivelmente, que morriam se continuassem ali.

A algazarra era tão comovedora e tão ensurdecadora que Mc Cormick teve de gritar, para que uma ordem sua fosse ouvida e executada por seus auxiliares.

Foi iniciada então a inspecção ao presidio, cubiculo por cubiculo. Tudo era contrabando!

Utensilios de cozinha, cozinhas electricas, latas de comestiveis e doces, navalhas de barba, um verdadeiro arsenal de objectos de uso. Tudo isso misturado com os presos numa absoluta falta de higiene.

Alé disso foram encontrados vidros e recipientes de drogas entorpecentes, varios maços de algodão, vidros de alcool e de éter.

Numa das celas foram encontradas três onças de morfina, suficiente para três mil doses e ficou apurado que um dos empregados distribuia o entorpecente de acôrdo com os chefes da prisão.

O comércio de entorpecentes era feito por meio de pombos-correios, e das amantes dos presos, que ao receberem os beijos delas, «recebiam», pela boca, as drogas que elas traziam.

O hospital do presidio era a unica parte do prédio que apresentava um aspecto agradável. As suas salas são bem arejadas e as instalações das mais confortaveis. Mas, elas não eram utilizadas para os presos doentes. Aí residiam os bandidos importantes. A quadrilha de Joié Ráo tomou conta dessa parte da prisão, instalando nela o seu estado maior.

No ultimo andar do prédio, estava instalado o luxuoso apartamento de Ráo. Quando o commissário entrou numa das suas dependencias, encontrou-o no quarto de banho, cercado de sabonetes perfumados, crèmes e perfumes de todas as qualidades. Toalhas turcas, aparelhos para massagens, «robes de chambre» de seda, todo o «material» necessário a um homem moderno e rico. Foi, pois, com espanto, que Ráo recebeu a «indicada» ordem de prisão, no momento em que tão cuidadosamente preparava a sua «toilette» matinal de «gentleman» daquele extraordinário presidio.

OS SETE PECADOS MORTAIS

O ORGULHO

Quanto o amor-próprio moderado estimula a coragem, favorece o talento, auxilia as nobres ambições e sustém a vida com dignidade, tanto o orgulho, que é o amor-próprio abusivo, hipertrofiado e caricatural afeia gravemente o caracter e impede o seu aperfeiçoamento, induz a contínuos erros e injustiças, quebra toda a disciplina e quando instalado nos caracteres grosseiros, primários incute-lhes o egoísmo desentreado e a mais completa desordem, leva-os a espèsnhar os humildes e a odiar os grandes, fazendo-os presumidos, fátuos, fanfarrões, tolos, invejosos, distantes, insolentes, rancorosos e, até, criminosos, se outros defeitos se associam e a oportunidade se apresenta.

O orgulhoso é um pobre individuo ignorante da menor noção da hierarquia, um exagerador do seu mérito e valor pessoais, se os possui, desejoso de impôr as suas pretensões e o seu autoritarismo, destacando-se e mostrando-se exaltado do seu «eu», sem temer que pode bem facilmente cair no ridículo ou tornar-se grotesco.

Nos seres humanos moralmente baixos, mediocres de inteligência e carentes de vontade, deve o orgulho reprová-los e combater-se tenazmente, pois, não raro, é móbil de condenáveis acções. Nos homens superiores, se bem que nunca digno de elogio, pode o orgulho, em leve matiz, merecer indulgência. Como o nota Crepieux-Jamin, quando Beethoven, não devidamente apreciado, exclama «Eu sei o que valho!» manifesta a estima em que elle mesmo se tem, mas plenamente motivada e justificada.

Apresenta o orgulho as mais diversas cambiantes. Assim, sofrem de orgulho os ambiciosos, os vaidosos e os pretenciosos, que empregam as escritas arqueada e ornada; os narcisistas, que sublinham as palavras por prolongamento do traço inferior das maiúsculas; os autoritários, que escrevem no alto ou acima dos «t» as respectivas barras; os destacados em qualquer meio, que escrevem as palavras inteiras em maiúsculas tipográficas e os importantes e os tolos animalescos, que incham e elevam as suas maiúsculas, pavoneando-se, com o objectivo de estarrecer.

A escrita denuncia exactamente o orgulho. Nenhuma das suas manifestações escapa ao movimento gráfico, o gesto-essência. Como o orgulhoso é, assim se revela no seu grafismo. O orgulhoso endireita-se, caminha de tronco recuado, e a sua escrita é sobre-elevada com maiúsculas em pedestal; ou incha como a rã da fábula, e a sua escrita é inchada na largura das letras; ou alardeia as suas riquezas, os seus conhecimentos, a sua mediocridade, com maior ou menor impudência, conforme o grau de educação, e a sua escrita é alargada horizontalmente em todas as letras; ou pretende impôr-se ou desprezar, e o seu gesto distante observa-se

DENUNCIADOS PELA GRAFOLOGIA

na escrita cujas letras fazem arcos; ou procura parecer, brilhar, ostentar, e a sua escrita é rica em floreios; ou ambiciona ardentemente, e a sua escrita ascendente (visto o papel de frente) pinta-o tal como é.

O orgulho conhece-se, em grafologia, especialmente pela escrita sobre-elevada, definida pelo notável grafólogo francês Pierre Humbert como «une plante qui monte en graine». Caracteriza-se a escrita sobre-elevada pelo prolongamento exagerado de alguns dos seus elementos acima da linha da base, consistindo por: 1.º — Alongamento das maiúsculas em relação às minúsculas; 2.º — Sobre-alteamento da primeira haste das maiúsculas, como o «M» e o «H», ou das minúsculas, como o «n» e o «m», em relação às duas outras ou à outra haste; 3.º — Levantamento em forma de pedestal da base de algumas letras, como o «L» e o «D» maiúsculos, o algarismo 2, o «r» e o «t» minúsculos, levantamento que tem por fim alterar o corpo das letras acima da linha; 4.º — Prolongamento da terminação das maiúsculas como o «V», «F», «N», acima do resto da palavra; 5.º — Sobre-alteamento do chapéu de certas maiúsculas, como «F» e o «P», em relação à haste; 6.º — Crescimento das minúsculas, na altura, em relação à sua largura; 7.º — Alongamento das minúsculas, na haste, como o «i» e o «b», em relação às letras de pernas, como o «g» e o «j»; 8.º — Crescimento da minúscula inicial, em relação ao resto da palavra; 9.º — Sobre-alteamento das barras dos «t», empoleiradas no cume da haste; 10.º — Sobre-alteamento da haste dos «p» e «j» minúsculos; 11.º — Amplificação da assinatura, em relação ao texto; 12.º — Sublinhamento simples ou repetido da assinatura.

Desta forma, vê-se que, correntemente, todas as escritas apresentam indícios ou sinais vigorosos de orgulho. Este vício de caracter, obstáculo a todo o progresso moral e intelectual, combinado com outros sentimentos, engendra aspectos psicológicos diferentes.

A inveja é um despeito orgulhoso que empurra a desejar violentamente o bem ou as qualidades de outrem. A inveja mordida pelo orgulho pode originar a maldade, a difamação, a delação, a deslealdade e a vingança.

O orgulho associado à cólera dá irritação ódio, susceptibilidade sobretudo.

A gula e o orgulho produzem amor excessivo pelo conforto, a intemperança e a ostentação.

A luxúria e o orgulho levam à mais perigosa conduta, como, por exemplo, à delapidação.

O orgulho ante a miséria não quebra, faz-se soberbo.

O pior vício do carácter é o orgulho, sempre de má influência psicológica. Arrasta consigo cataclismos individuais, familiares e sociais. A guerra é uma resultante do orgulho dum povo ou dos seus dirigentes.

Não fóra este mundo tão cheio de orgulhosos, e a saúde, a paz, o respeito pela verdade e o progresso espiritual caminhariam de braços dados!

A. Moreno da Fonseca

CONSULTÓRIO

A. Carvalho (Chaves) — Carácter duma forma geral aceitável, bastante inibido e retido. A vontade, mais resistente do que activa. Forte tendencia para a dissimulação. Susceptibilidade, como resultante da sensibilidade terida por um exagerado amor próprio. Inteligencia sem nota especial.

Célia — Muito sentimentalismo e afectividade são as dominantes do seu carácter. Notam-se, como defeitos principais: ciúme, como resultante duma viva sensibilidade e do egoísmo; arrebatamento que se demora na impertinência; pessoalismo excitado; descoroamento. Vontade e inteligencia medianas.

G. Alvares (Faro) — Nada de especial quanto à vontade, inteligencia e moralidade. Um carácter mediocre, desconfiado, artificial, pouco à vontade, longe, porém, de ser indesejável.

A. Lima — Mentalidade vulgar, com predomínio do temperamento sanguíneo linfático, sem discordâncias notáveis, o que dá uma pessoa estimável, mas cujas aspirações se resumem a ter... uma porta e uma janela, barriga cheia e carinhos.

J. Vieira de Lucena (Coimbra) — Carácter apreciável. Nota-se no grafismo enviado: vontade activa e seguida, sensibilidade moderada, espontaneidade, cultura do espirito, inteligencia clara e atenta com imaginação interessante. Os defeitos mais notáveis: desmaiado apêgo às próprias ideias e inclinação a cal: no excesso das necessidades afectivas e nutritivas.

N. R. — Nesta secção publicam-se os resultados dos exames grafológicos à letra das pessoas que endereçarem as suas cartas, escritas pelo próprio punho e em papel sem linhas, acompanhadas de 500 em selos para as despesas, ao sr. dr. Moreno da Fonseca, para o seu consultório, na rua Chabi Pinheiro (ao Campo Pequeno), 23, 2.ª — Lisboa.

CAMPOS COELHO ADVOGADO

R. Santa Justa, 82-2.º
Tel. 7 2223
LISBOA

AS ARMAS DE FOGO

Importante estudo sobre as bases da sua identificação

Depois das experiências de Corin e Genoncean na Bélgica, e com as quais pretendiam esses autores de nomeada demonstrar a impossibilidade de identificação individual das armas de fogo de precisão, pelo método de comparação microscópica do estriamento lateral dos projecteis, os primeiros estudos realizados na matéria foram levados a efeito pelo professor brasileiro Oscar Freire. Mais tarde, foi ainda esse mestre quem levou Antonio Dell Appe a dissertar sobre o assunto na sua tese magistral de doutoramento. Esse trabalho, ainda hoje um dos mais completos no género, é de lastimar continui ignorado por parte dos técnicos, porque encerra conclusões valiosíssimas a que só mais tarde chegaram os especialistas de reconhecida competência.

Deve-se assim à iniciativa de Oscar Freire a melhor contribuição para o estudo da identificação individual das armas de fogo, não só por serem os seus trabalhos, precursos aos dos técnicos que mais tarde se dedicaram ao assunto, como por haver aquele mestre emitido conceitos os mais exactos sobre o valor científico do estriamento lateral dos projecteis, numa época em que escassejavam os recursos de laboratório sómente conquistado treze anos depois.

O fito essencial da tese de Dell Appe foi de verificar entre as convicções de Balthazard e as de Gabriel Corin, de que lado estaria a verdade. E essa verdade, apurou-a aquele autor com uma lealdade científica incomparável, ao estabelecer os justos limites de pericia, demonstrando as grandes possibilidades da identificação individual das armas de fogo, sem deixar porém de insistir que o estriamento lateral dos projecteis nem sempre parecia autorisar, na prática, uma diagnose segura, conforme imaginara Balthazard.

Balthazard, estabelecendo as bases científicas da diagnose individual, partiu do princípio de que o aspecto microscópico do ralamento das armas de fogo, sendo muito diverso de arma para arma, ainda que do mesmo fabricante, do mesmo calibre e trabalhadas na mesma máquina, deixaria a sua impressão inconfundível nas balas, de modo a permitir pela sua comparação uma determinação individual tão segura quanto a das impressões digitais. De facto as observações mais completas demonstraram que entre o ralamento de duas armas, ainda mesmo fabricadas na mesma máquina, com as mesmas brócas escavadoras, existia diferença notável nas suas características microscópicas. São dessa opinião Rechter, Mage, White e muitos outros técnicos.

Gabriel Corin, entretanto, observou que tal identificação seria quando não impossível *difficilima*, no caso das armas Browning.

A interpretação, entretanto, que fez em torno de tal observação foi inteiramente falha e ficou destruída depois das experiências de Dell Appe em 1919 e de Rechter em 1925.

Corin acreditava que tal diagnose era impossível nas armas Browning de Herstal, pelo facto dessas armas possuírem em ralamento feito com máquinas de precisão, que não deixariam de cano para cano características diferentes capazes de as identificar. Ficou demonstrado, porém, que o gume das laminas escavadoras, por serem afiadas constantemente durante o trabalho do ralamento, adquire de momento a momento novas características morfológicas, de modo que deixam em cada raia, de arma para arma, desenhos microscópicos bem diversos. Além disso, o polimento final da alma do cano, como se faz nas oficinas de Herstal, a chumbo mergulhado em óleo e esmeril, é suficiente para destruir os caracteres individuais do ralamento, conforme se julgou a princípio. Partindo de tais observações, concluíram os técnicos que a individualização das armas seria sempre possível, pelo exame do estriamento lateral dos projecteis.

Até há bem pouco tempo, os meus ensaios particulares, levaram-me a aceitar como verdadeira essa asserção optimista. Sucedeu, porém, com frequência, que casos deparei de difficilima identificação e até mesmo de impossível diagnose, conforme notara Gabriel Corin. Em vão, durante alguns meses, procurei uma explicação satisfactoria para o facto. Insistindo nas pesquisas, julgo haver descoberto algumas particularidades interessantes, até então desaperecidas na questão. Estou inclinado a acreditar que as observações, tanto de Balthazard como as de Corin, são exactas.

Na selecção que fiz das armas cuja identificação me pareceu impossível, observei que essas armas eram precisamente pistolas automaticas, e dentre elas as Browning de Herstal, cujo ralamento Corin também asseverava não ter podido identificar. Foi forçado, entretanto, a não atribuir tal impossibilidade de diagnose individual ao facto do ralamento dessas armas ser destituído de características, conforme suspeitara Corin, porquanto, armas de ralamento fabricado à máquina, do mesmo modo que as Browning, havia eu conseguido identificar facilmente (revolveres Smith Wesson, Colt, etc.).

Tomei então por base de estudo o exame de uma determinada raia, fazendo-a coincidir com um ponto de reparo nos projecteis e notei que as suas impressões variam a tal ponto de projectil a projectil, que não bastava para explicar o phenomeno a questão de maior ou menor diametro das balas, a sua

posição no cano durante o disparo ou a sua força de propulsão condicionada às diferenças mínimas da carga explosiva. Todos esses factores enumerados por Dell Appe e que julgo poderem de facto concorrer para a *variação numerica das características individuais* do estriamento lateral dos projecteis, pareceram-me ser insuficientes para explicar as flagrantes *variações morfológicas* desse estriamento, em casos determinados.

Comecei então por suspeitar que os *deseñhos microscópicos das raia*s (precisamente a maior, senão única característica individual do ralamento de precisão, segundo afirmou Rechter), *era susceptível de perder na arma a cada instante, a sua fisionomia, por efeito do atrito do metal das balas*. E para confirmar a minha suspeita, procurei trabalhar com aquelas mesmas armas, cuja identificação me fôra impossível, não mais usando balas blindadas, mas sim projecteis de chumbo descapsulados que especialmente fundi tomando por molde um exemplar de munição habitual da arma. E vi então que a identificação se tornava possível em alguns casos.

Aquela variação morfológica do estriamento de uma determinada raia notada de bala para bala, em caso de munição blindada desaparecia quasi por completo nesse outro ensaio das balas de chumbo mole. Cheguei assim a admitir que a dificuldade da individualização das pistolas Browning, sendo flagrante conforme asseverou Gabriel Corin, não estava subordinada a uma questão de ausencia de *características dos ralamentos de precisão*, mas apenas a uma questão de *alteração desses característicos* condicionada ao grau de atrito entre as balas e a alma do cano. Se o chumbo e o esmeril, no polimento final da alma do cano, não consegue destruir as características microscópicas do ralamento, o metal mais resistente da blindagem dos projecteis no atrito mais energico, ora destruindo parcialmente o perfil microscópico das raia, ora produzindo nelas novas estrias, e desse modo impedindo a identificação.

Não chego ao ponto de afirmar, desde já, que as armas de munição blindada são identificáveis de um modo absoluto. Estou inclinado, porém, a acreditar que, quasi sempre, se tornará difficil a diagnose nesses casos.

Sintetizando a discussão e conclusão apresentadas, direi:

1.º — A dificuldade e, mesmo a impossibilidade de diagnose individual do ralamento de uma arma de fogo, seja ela ou não fabricada à máquina, pôde existir na prática pericial, conforme asseverou Corin.

2.º — Tal dificuldade ou impossibilidade, existe toda a vez que se não possam obter nas balas testemunhos, impressões mais ou menos constantes das características, pelo menos de uma das raia, da arma, ou por outra, as balas, atiradas com uma mesma arma *devem apresentar impressões inconfundi-*

veis do seu raimento para que se considere de possível identificação individual. Quando falo em inconfundíveis não me refiro a impressões absolutamente iguais, mas apenas a impressões que possuam pontos de repouso suficientes como base de individualização.

3.º) — A variação morfológica das impressões do estriamento de uma mesma arma de projectil a projectil, a meu ver, resulta da variação das características microscópicas da superfície do metal das raia, por efeito do maior ou menor atrito nessa superfície exercida pelos projecteis durante os disparos.

4.º) — Sendo esse atrito muito mais considerável no caso das balas blindadas do que no dos projecteis de chumbo descapsulados, desde quando no primeiro caso se trata de um metal menos maleável do que no segundo, será logico admitir que possa ocasionar alterações sensíveis na fisionomia microscópica das raia, conforme me levaram a acreditar os ensaios que efectuei.

5.º) — Desde quando ao maior ou menor grau de força da bala com relação às raia, está subordinado o maior ou menor atrito de que podem resultar as alterações de tais características microscópicas, é de admitir a possibilidade teorica da diagnose individual das armas de munição blindada nos casos em que a bala possui um deficit no seu diametro ou o diametro do cano se apreserte maior com relação ao projectil.

6.º) — Embora não seja condição essencial para a identificação individual do raimento, a sua fabricação mais perfeita ou imperfeita, por quanto está suficientemente provado que não podem existir, entre duas armas, características microscópicas absolutamente iguais, é, entretanto, muito mais exacta essa identificação quanto mais grosseiro, seja o acabamento da alma do cano.

Moniz de Aragão

Em legítima defesa...

Conforme noticiamos no último número, mandamos já á cobrança os recibos respeitantes á assinatura dos primeiros seis numeros da nossa revista. Esperamos que os nossos presados assinantes tomem na devida consideração o pagamento da assinatura para evitar repetições de cobrança pelo correio, tanto mais que fizemos o aviso com antecedencia. A todos os assinantes que porventura tenham mudado de residencia pedimos o favor de no-lo participar, para evitar perdas de tempo e demoras no correio.

O CRIME é uma publicação feita em moldes sóbrios, porque assim mesmo queremos que seja. Tem uma missão a cumprir e para ela apenas conta com a expansão que lhe dão os seus leitores.

CRIME DUM SONAMBULO

As provas eram esmagadoras e, apesar-disso, o acusado protestava tenazmente a sua inocencia.

O crime fôra espantoso. Uma pobre mulher, nova e viuva, e um seu filho de tenra idade, que vivia na sua companhia, haviam aparecido estrangulados no seu próprio quarto. Na mesma casa, vivia um operario, solteiro, sem familia, homem esquisito e taciturno, pouco loquaz e que poucos amigos tinha. Contudo, era um trabalhador honrado, que não frequentava tabernas, nem o seu procedimento se podia tornar suspeito sob qualquer aspecto. Mas, no dia em que o crime foi descoberto, notaram-se-lhe no rosto e no pescoço sinais de arranhões, que podiam bem ser vestígios de luta com as vitimas, principalmente com a viuva assassinada, que, indubitavelmente, a avaliar pela desordem dos moveis e das roupas da cama, devia ter oposto resistencia.

Lançada a justiça nessa pista, encontraram-se não indícios, mas verdadeiras provas que acusavam o operario como autor do duplo assassinio. O juiz encarregado da instrução do processo assegurava que nunca, na sua larga carreira judicial, encontrára negativa mais tenaz e obstinada do que a daquele homem perante o crime que lhe era atribuido.

Porque, se era verdade que todas as provas o acusavam, faltava um elemento essencial em todo o crime, o mobil. Qual seria a causa do espantoso crime? Desde o primeiro instante, foi posta de parte a hipótese do roubo, porque não faltou nem um centavo, nem uma peça de roupa, nem qualquer objecto de valor. A vingança, o ódio, o ressentimento, também não, porque entre o acusado e as vitimas apenas havia ligeiras relações de amizade de vizinhos e até uma terna afeição do operario solitario pelo pequeno filho da viuva.

Pensou-se numa paixão amorosa, num desejo veemente energicamente repellido. Mas não havia razão alguma que autorizasse semelhante suspeita. E misteriosa ficou a causa do crime, pelo qual foi condenado o pobre homem e muitos anos de degredo. Condenado e no degredo, continuou a protestar a sua inocencia e foi tal a obsessão da injustiça de que fôra vi-

tima que perdeu o uso da razão e foi removido para o manicómio.

Mas o caso deste pobre homem, sósinho e sem familia, a ninguém interessava, ou, para melhor dizer, a poucas pessoas, pois tanto o juiz instrutor do processo, como o advogado que, com intelligente desejo, ainda que com mau exito, teve de o defender, e algumas outras pessoas que conheciam o caso, não deixaram nem por um momento de se preocupar com a sua sorte convencidos da sinceridade dos seus protestos. Curcu-se, ou, para melhor dizer, melhorou um pouco e de novo voltou para a Penitenciária. Beneficiando dalguns indultos, saiu por fim em liberdade, continuando a protestar a sua inocencia.

Um companheiro de prisão é que revelou mais tarde ao seu advogado o mistério. O criminoso era realmente o que fôra condenado, mas praticára o crime inconscientemente. Porque o pobre homem, que sinceramente negava ser o autor do duplo assassinio, era sonambulo.

Os companheiros de prisão viram-no muitas vezes, levantar-se de noite, da cama, praticar actos ao que parecia conscientes, e no entanto, no dia seguinte, de nada se lembrava absolutamente.

Taylor afirma que os factos realizados no estado de sonambulismo não acarretam responsabilidade, porque se supõe que lhes falta a maldade e a intenção, elementos principais do crime.

Ha, porém, a teoria de que, se os actos cometidos no estado de sonambulismo não constituem fraude, por não serem dirigidos por uma vontade racional, são culposos, não pelo mal causado, mas pelas cautelas que o sonambulo não tomou, quando acordado, para evitar o mal. Estas teorias, das quais Carrara é o mais exaltado defensor, não podem ser admitidas, na opinião de muitos juriconsultos porque, em muitos casos, o sonambulo ignora essas manifestações activas no sono e não pôde nem prevê-las, nem evita-las.

O sonambulismo artificial, isto é, o hipnotismo, é outra questão muito interessante, que tem sido debatida em livros, congressos e conferências, mas que só pode ser tratado sob o ponto de vista do Direito, relativamente á impretabilidade dos actos.

Mas, não esqueçamos que pode haver criminosos que podem não ser delinquentes, como esse pobre homem que, inconsciente, cometeu um duplo crime e, sinceramente, protestava a sua inocencia.

LEOPOLDO DO VALE ADVOGADO

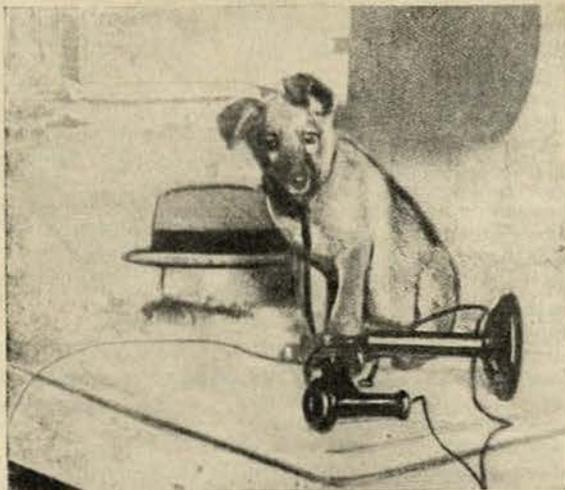
Rua Ivens, 44-2.º
Telef. 27076
LISBOA

O cão, o telefone e a policia

Isto foi assim... As meninas dos telefones deram por se encontrar fóra do descanso o auscultador do aparelho do assinante sr. W. Ralf, de Nova York. Tanto tempo esteve o auscultador fóra do seu lugar que as meninas da Central, curiosas por profissão e por serem mulheres, resolveram saber o que se passava. Puzeram-se á escuta e ouviram, de momento a momento, uns gemidos. A principio não ligaram importancia, mas os gemidos continuavam, cada

ancontrar o telefone caído, não no chão, mas em cima duma mesa. O dono da casa não estava. Mas estava um cão, a latir por ter, involuntariamente, tombado o telefone como mostra a gravura que acompanha este artigo.

Não foi nada, afinal. Mas podia ter sido um crime. E se fôsse um crime, o telefone tinha sido o elemento magnifico para chamar a Policia. A utilidade do telefone revela-se nos minimos pormenores da



O cão, alha o telefone que derrubou, ao saltar para a mesa

vez mais aflitos, mais... gemidos.

E as meninas pensaram, e muito bem, que havia "gato" no estranho caso.

O telefone passou de mão em mão e depois de cada menina dar a sua opinião houve uma que exclamou:

— Já sei o que é. Trata-se dum crime. O dono da casa está ferido. Os bandidos fugiram. Na luta que se travou o telefone caiu, e o dono da casa está a gemer próximo do auscultador, caído no chão. Chama-se a Policia. Previnem-se as autoridades.

E assim aconteceu. Minutos depois, quatro automoveis da Policia de Nova York despejavam 40 "detectives" em frente da residencia do sr. W. Ralf. A casa foi assaltada pelos policiaes, de pistola em punho. A porta foi arrombada. E após uma rápida busca os "detectives" foram

nossa vida. Mas este caso não é inedito.

Há anos, numa cidade francesa, declarou-se incendio numa. Os locatarios estavam ausentes. Sómente ficára em casa um cão. O animal, ao ver as chamas correu em todos os sentidos para fugir. No escritorio, saltou para a secretária e tombou o telefone. Tal como o cão de Nova York começou a latir, a latir de afflicção, de perigo próximo.

Tambem as meninas da Central Telefonica deram pelo caso. As autoridades foram avisadas e, verificado que se tratava dum incendio, avançaram os bombeiros.

Foi devido ao telefone que o incendio não devastou totalmente o predio. O cão não podia ter dado o alarme se não existisse o telefone.

O telefone é na realidade, imprescindivel á vida de todos nós.

A educação e o crime

Na Imprensa, aparecem por vezes narrativas de crimes passionais.

Esses crimes coincidem com a chegada da Primavera, com a vida que se renova, com o cáldo ardor da Natureza, que nos faz vibrar os nervos numa infinita ancia de amor e de felicidade. A lei termica da delinquencia produz esse paradoxo: a morte triunfadora eterna da vida.

Os crimes passionais dão-se nos países quentes, nas estações do ano em que o sangue accelera a circulação, nos dias em que o anhelio da vida nos exalta o sistema nervoso. Isso leva-nos a uma conclusão perfectamente determinada. O livre alvedrio, esse livre alvedrio base da imputabilidade das acções humanas, tem, pelo menos em certos individuos, um limite digno de ser tomado em conta.

Os homens normais não podem, em caso algum, achar justificação para um crime.

O crime passional, como todos os crimes, é repugnante. Mas o delinquente passional, merece compaixão.

E, nesse sentido, ao condenar o crime, do qual foram victimas indefeizas mulheres, ternas criaturas sacrificadas na flôr da vida martires inocentes do amor, não podemos, nem devemos esquecer os desgraçados que mataram em verdadeiros momentos de loucura passional.

A impunidade de determinados crimes pode dar azo á repetição e frequencia deles, porque o delinquente, perigoso e malvado, encontra estímulo na impunidade.

O delinquente passional, porém, não pensa, não medita, nem deseja a isenção da responsabilidade. Na maioria dos casos, o crime é seguido de suicidio ou tentativa, quando o não é de apresentação voluntária ás autoridades, porque o castigo constitue uma aspiração, um sacrificio em holocausto da falta.

O que interessa é distinguir entre o «souteneur», homem das baixas camadas sociais, que considera a mulher como um ser inferior a quem explora e maltrata, chegando por vezes ao crime, e a desgraçada vitima de exaltação amorosa, que, em momentos de verdadeira loucura, atenta contra a vida da causadora da sua paixão. Entre uns e outros, há um abismo de diferença.

Não se deve, porém, propugnar pela impunidade dos crimes passionais, nem sequer que se reconheça a necessidade de os atenuar.

O que se deve dizer é que grande parte dos crimes se dão por falta de educação, por falta de adaptação dos nossos sentidos ás exigencias do ambiente social. O problema da delinquencia, neste caso, é um problema de educação. Temos de domesticar a fera. E a fera não se domestica nas cadeias e no degredo. A fera domestica-se na escola, onde, antes de instruir, se deve educar.

O frequentador da Boa Hora

Todos os que presam uma boa leitura, devem ler e recomendar a revista «O CRIME».

A G R A F O S C O P I A

Alterações aditivas

O estudo mais simples da diferenciação da coloração das tintas é feito com o microscópio, com iluminação oblíqua. A comparação faz-se por meio de aparelhos especiais como por exemplo, o Comparison Microscope de Osborn, constituído de duas objectivas, em dois tubos ligados a uma só ocular, por meio de um prisma. Este aparelho dá um aumento de cerca de 40 diâmetros e possui um dispositivo especial para usar as lamínas coloridas de Levibond. O autor do presente trabalho imaginou um dispositivo muito mais simples e que tem dado os melhores resultados. Em vez do microscópio de duas objectivas, pôde ser usada uma platina de fenda, de modo a que os traços de um ou mais documentos a serem comparados fiquem reunidos no mesmo campo da observação. Esta platina é constituída de uma pequena mesa de 20 centímetros quadrados, composta de duas folhas movediças de 10 centímetros cada uma. Os traços são aproximados pela colocação dos documentos na fenda da platina e, em seguida, as folhas movediças são unidas sob uma pressão constante. Coloca-se a ferradura do microscópio sobre a platina de modo que as partes dos documentos fiquem na mesma superfície. Com uma objectiva de 44 milímetros correspondente mais ou menos a uma ampliação de 6 vezes lineares e uma ocular de 4 diâmetros, o campo de observação onde se encontram os traços reunidos tem uma superfície de cerca de 1 centímetro quadrado. Aparece assim ao microscópio, o campo dividido em 2 semi-círculos, cada um dos quais contendo um dos traços em comparação. A menor diferença de coloração perceptível, na ampliação microscópica, é realçada imediatamente ao observador.

Quando a diferença é de tal ordem que a observação microscópica em platina de fenda, não ofereça distinção suficiente, as colorações podem ser ainda observadas pelo processo espectrofotométrico de G. Yvon, com os dispositivos especiais C. A. S., construídos de acordo com as instruções de Bayle e Amy, chefes do Serviço de Identidade Judiciária de Paris. Estes dispositivos que substituem actualmente o antigo «equidencímetro», indicam o índice de absorção e a região espectral onde essas diferenças podem atingir o máximo. Dessa forma, é possível obter-se uma fotografia em que a mais ténue diferença de tinta seja traduzida por uma diferença apreciável de densidade, na chapa fotografica.

Estudo das superposições de traços

Os traços das letras dos acréscimos podem cruzar com os da escrita primitiva. Este cruzamento dá-se por exemplo, quando uma haste superior da letra de uma linha atinge ou ultrapassa a haste inferior da letra da linha antecedente. Podem ocorrer três espécies de superposição: a) — de dois traços produzidos a tinta; b) — de um traço de

lapis com um de tinta ou outro de lapis; c) — de um traço de tinta com um outro de máquina de escrever.

Para demonstrar a superposição de dois traços de tinta o processo indicado é o da observação microscópica mais lateral possível. Este processo imaginado por Frazer, tem hoje uma aplicação fácil pela platina perpendicular de Goddefroy que mantém o documento na posição mais oblíqua possível, em relação á objectiva do microscópio.

Osborn indica um outro meio de observação muito útil. Quando se escreve normalmente, se o traço de uma haste de letra da linha inferior se encontra com o traço de outra da linha antecedente, a tinta desta última provavelmente ainda se encontra húmida e nesse caso, o cruzamento apresenta o fenómeno de verificável ao microscópio, pela presença da pigmentação mais torfe dos elementos absorvidos. Quando, porém, houve algum tempo na escrita, o traço que se cruza já não apresenta essa absorção, porque a tinta anterior está seca. Esta observação tem toda procedencia e é comum na pratica pericial.

Quando o cruzamento é produzido por traços de tintas de coloração diferente, é sempre conveniente fazer-se a observação da fluorescencia através do raio ultra-violeta. O cruzamento de uma tinta carmin de eosina aparece brilhante sob a acção desses raios e a outra tinta anterior é ferrotanica. Se porém, a tinta carmin é a anterior, a fluorescencia, no ponto do cruzamento, não existe porque os elementos ferricos superpostos ao corante organico, impedem a iluminação.

Para demonstrar a superposição de dois traços de lapis, o método é o mesmo que o da verificação das tintas, pela platina perpendicular de Goddefroy. Ao microscópio, o ultimo traço apresenta-se corrido, com as estrias dos pigmentos indicando a direcção.

Para demonstrar a superposição de um traço de tinta sobre um outro de máquina de escrever, observa-se se houve ou não destonalização na coloração da tinta de escrever no ponto de cruzamento com a da máquina. Segundo Mitchell, as tintas usadas na composição da fita de máquina contem grande quantidade de materia oleosa, a qual se eleva de 45 a 60%, no total da composição. Sendo as tintas ferrotanicas muito fluidas, passam sobre a gordura da tinta de máquina, sem misurar-se, de modo que o traço interrompe-se quasi sempre na sua coloração, salvo quando a tinta da fita está muito seca. Por outro lado, a gordura protege o papel contra a infiltração da tinta ferrotanica. Se pois, do ponto de encontro, houve destonalização, é porque a tinta ferrotanica está superposta á da máquina.

Alterações do papel

As alterações aditivas tambem podem ser observadas pelo exame das alterações de uso do papel. O papel novo, sem dobras, apresenta maior resistencia ao traço da tinta e este é mais firme e uniforme. O papel usado apresenta menos resistencia e pôde oferecer o fenomeno da absorção irregular da tinta, provocando um arrendado nas margens do traço. Esse fenomeno verifica-se perfeitamente ao microscópio, em ampliação moderada e pôde ser microfotografado para comparação e demonstração.

As dobras do papel tambem oferecem provas de alteração. O papel dobrado faz desasorecer a cola da superficie e as fibras ficam expostas. Se for feito um traço sobre a dobra verifica-se que, no ponto de contacto, a tinta é absorvida bruscamente pelas fibras expostas, e forma um borrão na direcção da dobra. Quando, pois, em um documento se verifica que na região suspeita existe essa absorção e na região insuspeita, não, a conclusão deve ser que houve uma alteração de uso do papel entre o periodo da escrita do primeiro e do segundo traço examinado.

O estudo do papel deve ser feito em toda a sua extensão, para que o perito possa avaliar, com segurança, o enfraquecimento de resistencia acima referido, bem como as dobras artificiais, etc.

Maneira prática de pagar multas

Na América do Norte, um individuo que foi citado pelo juiz para responder por contravenção dos regulamentos sobre automóveis, respondeu-lhe da seguinte forma: «Impedido de responder á sua citação e ás acusações do policia que fez a participação, devolvo-lhe a carta convocatória informando-o de que não me reconheço culpado. Ao mesmo tempo que lhe peço desculpa, mando-lhe um cheque de cinco dollars para a multa...»

O juiz aceitou o cheque.

Vergilio G. Pedrosa

ADVOGADO

Largo D. João da Camara, 4-2.º

Telefone 2 7314

LISBOA

Diogo Ribeiro

ADVOGADO

RUA IVENS, 51

LISBOA

Telefone 2 4225

CIÊNCIA PENITENCIÁRIA

pele Dr. João Chaves

(Continuação do número anterior)

O *talião*, essa primeira limitação da vingança, foi uma regra de direito editada pelos legisladores antigos, que de restrição em restrição chegaram a exigir a prova da legitimidade da vingança e até a deferir-lha para depois de uma sentença de culpabilidade.

Passa-se depois á *compositio*, sucedem-lhe novas penas corporais e pouco e pouco com a afirmação cada vez mais crescente do poder social a penalidade vai perdendo seu unico indicio de facto privado pela atribuição, a principio parcial (*fredus*) e depois total, do *Wehrgeld* em favor da justiça, e pela função publica, estranha á familia da vitima, da execução da pena

Ora tudo isto prova a exactidão da nossa afirmativa primacial — que a pena teve sempre um caracter social, exerceu sempre uma *reação utilitaria*; mesmo porque, expiatoria ou simplesmente vindicativa, não resta duvida, a intimidação lhe estava associada. As lutas encarniçadas da vingança familiar não visavam outra cousa que o respeito pela força do direito do ofendido, por consequencia da inibição futura de factos identicos. As cerimonia expiatorias, que os diferentes ritos religiosos crearam, não disfarçavam tambem o intuito colectivo de combate ao crime. Este foi sempre, pois, um *mal* contra o qual se applicou uma pena para o exterminar, embora, como faz notar Saleilles, não se tenha visto nela até pouco tempo mais que uma consequencia e como que uma sequencia necessaria dum facto passado, calcada e medida só pelo facto realizado, sem referencia ao que podia produzir no futuro. Ou, como diz Cuche, embora ela tenha sido no passado uma reacção simplesmente *instinctiva* e só modernamente procuremos satisfaze-la com *método e consciencia*.

Não queremos com isto sustentar que a pena tenha sido outrora uma reacção desprovida de toda a consideração moral e desacompanhada de todo a impulsão emotiva. Basta ela ter sido por muito tempo uma reacção *instinctiva*, organizada pelo próprio ofendido ou por seus parentes para logo compreender-se o contrario disto. O que pretendemos ter demonstrado é que, se na sua forma ela exprimia uma reacção moral, se na sua execução privada traduzia emoções pessoais ou de um grupo,

na sua essencia foi sempre uma função sociologica, derivada, seja, da natureza das cousas, mas sancionada pela colectividade como meio de assegurar a sua conservação.

Não será, portanto, nas sociedades modernas que a pena deva ser encarada pelas possiveis funções morais que ela pode realizar. Se o crime provoca sempre, como querem Gauckler e Cuche, além das reacções de ordem utilitaria, outras de ordem moral sancionadoras de sentimentos, instinctos, inquietudes e emoções diversas, que por ele o criminoso despertou, não serão por certo tão vários efeitos, experimentados *diversamente* por um limitado numero de individuos conhecedores do facto que poderão servir de critério para a escolha, fixação e imposição da pena. Nada mais contraditorio do que a apreciação dos crimes no meio onde eles se dão. Mesmo fóra das impressões que em seu favor ou contra eles tenha a imprensa preparado, não haverá talvez dois individuos que os compreendam da mesma maneira e em quem tenham produzido consequentemente os mesmos sentimentos. Uns explicam-nos naturalmente e nenhuma repugnancia sentem por eles; outros não chegam a ser impressionados, são-lhes inteiramente indifferentes; outros ainda experimentam, em uma gradação impossivel de verificar de modo preciso, indignação e horror. Raro é o facto e só quando muito cruel que produz um alarme geral, mas ainda assim desigual. Em tais condições como escolher, fixar e impôr a pena por esses indicios?!

O legislador, pois que tais sentimentos e emoções só podem ser conhecidos após o delicto, não poderia de antemão prevê-los para se guiar por eles, sendo fóra de duvida ainda que o mesmo facto, conforme os seus motivos determinantes, produz nos mesmos individuos sentimentos diversos.

O Juiz, a não tomar por critério as suas próprias impressões, o que seria um absurdo, não teria tambem meios de conhecer a média desses sentimentos.

A autoridade administrativa, incumbida apenas de acompanhar a execução da pena e de observar os seus efeitos sobre os respectivos delinquentes, muito menos poderia ter em atenção inquietudes provocadas antes dessa fase pelo facto, que ela não fóra chamada a apreciar.

De resto não haveria método possivel para o estudo científico de funções tão variadas quanto imprecisas e isto bastaria para as excluir do quadro da penologia. Em face desta a pena só pode traduzir ou satisfazer reacções de ordem utilitaria. Só debaixo deste ponto de vista, portanto, interessa-nos conhecer quais os seus fins.

Não é pequena a controversia a tal respeito desde os tempo antigos.

Platão e Aristoteles assinalam á pena dois fins: *a emenda e a exemplaridade*. O primeiro fala sobretudo da emenda: "*Aucune peine infligée dans l'esprit de la loi n'a pour but le mal de celui qui la souffre, mais son effet est de le rendre meilleur ou moins mauvais.*" — *Les Lois*, livro IX.

Entre os romanos, porém, se Ulpiano a encara sómente pelo lado da intimidação — *quod quidem faciendum est ut exemplo deterriti minus delinquant* (fr. 6, § 1.º, D. de poenis, 48, 19), Paulo não lhe attribue mais que a função da emenda — *poena constituit in emendationem hominum* (fr. 20, D. de poenis, 48, 19). Modernamente uns, como Ferri, preocupados com a assimilação da pena á defeza individual, não vêm nela senão uma reacção natural, que a sociedade exercita quando atacada em certos direitos essenciaes. E assim não a encaram por outro prisma que pelo fim unico da *conservação social*. Outros pensam, ao contrario, que a pena deve realizar diversos fins e, se ela pode colocar o criminoso na impossibilidade de continuar a delinquir, refreiar os individuos tentados pelo crime, aos quais falta um poder de inibição interna, e ainda, em muitos casos, conduzir á correção do delinquente, claro é que são três os seus fins essenciaes: *protecção social, intimidação e reclassificação moral do criminoso*.

(Segue no próximo número)

São Luís Telef. 27172

OS MELHORES PROGRAMAS AS MELHORES FITAS

Em exhibição:

Ana Karenine

“APPLICA”

sabe o que é?

“Applica”

É um penso rápido que cura rápido
É um produto suíço.

Todos os médicos utilizam
Todas as grandes empresas o usam
nos socorros dos seus sinistrados.

Todos nós devemos possuir o penso

“ **A P P L I C A** ”

Uma caixa de “APPLICA” custa 10 a 12 Escudos.
Por esta quantia, todos podemos ter o socorro
imediatamente para ferimentos, golpes e queimaduras.

Vende-se nas Farmácias e Drogarias

Representante :

COSTA SANTOS & STADLIN, L.^{DA}

RUA DA TRINDADE, 15, 1.º — TELEFONE 2 5970 — LISBOA